

# A revisão dos cinco mil

JORNAL DE BRASÍLIA

CARLOS MONFORTE

FHC  
19 JUN 1995

Como é que a gente poderia definir em que momento, em que tempo vive o governo Fernando Henrique? Pelo que temos ouvido e lido por aí, hoje vivemos nos tempos do ajuste, no período da primeira revisão, da revisão dos cinco mil. Se notarem bem, é isso mesmo. Primeiro, o ajuste na economia, porque se não for seguida a bula para a aplicação correta do Plano Real ele vai para o bebeléu. Todos sabem disso.

Portanto, o primeiro ajuste é no próprio coração do governo FHC, ou seja, no plano que lhe deu vida. Parece que isso — apesar de todos os desentendimentos entre as equipes da Fazenda e do Planejamento, que comem por dentro a confiabilidade do Governo — vem sendo feito. Meio desastrosamente, mas ven sendo feito, vide acerto na questão das importações de automóveis. Esse era um problema vital para a economia, que poderia atropelar logo adiante toda a intenção de manter o regime em equilíbrio.

O segundo ajuste é o político. Claro que o primeiro e o segundo se transpassam, um tem muito a ver com o outro. Mas o problema político transcende a vida dentro do Governo, se derrama pelo Congresso. E por depender de terceiras pessoas é que ele é mais sensível. Porque também os políticos são mais

sensíveis. E porque a votação e aprovação das emendas constitucionais são o carro-chefe das intenções políticas de Fernando Henrique. Ele foi eleito por elas e é nelas que tem que se fixar.

Já falei diversas vezes — e, embora óbvio, é sempre bom repetir — que as questões políticas só se resolvem com muita conversa. Ulysses Guimarães dizia que o combustível do político é a saliva. E é isso que o Presidente tem procurado fazer. Já tentou diversas formas, mas a fórmula encontrada foi a que dá mais trabalho: o próprio Presidente conversando diretamente com os políticos.

Muitas fórmulas foram tentadas, até a de se encontrar um coordenador político. Mas o senador José Richa, um dos sondados para o cargo, abriu o olho do Presidente para o fato de que, no presidencialismo, quem faz essa coordenação é o próprio Presidente. É isso que ele está fazendo. É claro, da sua maneira.

Desde que assumiu, Fernando Henrique tem notado que o partido que mais lhe agrada, mais acompanha seus desejos e vota, em bloco, o que ele quer, é o PFL. Do PSDB tem recebido apoio, sim, mas há também dissensões, como as dos deputados Domingos Leonelli, Tuga Angerami, Almino Afonso. Do PFL, nada. Como um batalhão de

lanceiros, o partido segue unido na defesa do Presidente, de suas teses, suas atitudes.

Daí o ajuste proposto nesta terça-feira pelo Presidente, no almoço com os tucanos. Fernando Henrique não apenas pediu que se parasse com as picuinhas entre os dois partidos, como implorou aos seus companheiros: “Não me deixem só, com o PFL”. O grito estremeceu as paredes da rica casa alugada em uma chácara do Lago Sul, em Brasília, e bateu no coração dos tucanos. Tanto que a bancada na Câmara vai entrar com requerimento pedindo a retirada do projeto que tabela os juros em 12%, pois ele pode ferir de morte o real.

Não é nada, não é nada, é uma atitude positiva e digna, o mínimo que se espera de um partido que apóia o Presidente da República. Mais: que faz parte do próprio Governo, de onde saiu o Presidente. Resta saber se esse apoio seguirá por mais um bom tempo ou terminará junto com a digestão do almoço.

Se há alguma coisa de que qualquer governo precisa é da lealdade do seu partido. De uma coisa, no entanto, Fernando Henrique não deve esquecer: político só é fiel ao voto. Nem que para isso tenha de fazer grandes bobagens.

■ Carlos Monforte é jornalista